

Bullying: Um desafio no âmbito educacional

Patrícia Tatiane de Oliveira¹
Ivana Guimarães Lodi²

Resumo: O *bullying* tornou-se um dos assuntos mais discutidos nos dias atuais em vários contextos da esfera educacional devido à sua complexidade. O termo surgiu na Noruega, década de 80, originário da palavra inglesa *bully*, que quer dizer ameaçar, intimidar, oprimir, maltratar. Embora a denominação seja um tanto nova, este fenômeno é mais antigo que a própria escola e não decorre de fatores socioeconômicos, uma vez que se instala nas diversas camadas sociais. Abrange todos os atos de violência (física ou psicológica), que ocorre repetidamente e de forma intencional contra um ou mais alunos, que se sentem frágeis e incapazes de se defender. Este trabalho teve como objetivo conhecer o fenômeno *bullying* configurado na violência escolar. O fenômeno *bullying* tem causado perplexidade diante de atitudes bárbaras, que ferem diretamente a vítima e indiretamente a sociedade. O maior desafio que este estudo pode trazer é fazer-nos confrontarmos com nós mesmos, questionarmos nossos princípios e refletirmos sobre as nossas práticas cotidianas na educação. O trabalho foi realizado através de uma pesquisa de campo em que a coleta de dados e informações referente ao *bullying* foi realizada através de um questionário semiestruturado com professores e alunos do 6º ano de uma escola pública estadual de Araxá-MG. O estudo possibilitou, através dos dados obtidos, evidenciar a ocorrência de *bullying* entre crianças na escola pesquisada, revelando que o contexto escolar tem-se constituído em um espaço de reprodução da violência. Este tema é de extrema relevância no ambiente escolar, sendo urgente a adoção de práticas educativas que efetivem o enfrentamento dessa problemática, potencializando a prevenção como meio de promoção para o “bem viver”.

Palavras chave: Ofício de mestre; Educação; Desafios; Possibilidades.

Abstract: Bullying has become one of the most discussed topics nowadays in various contexts of the educational sphere due to its complexity. The term is originated in Norway, 80's, from the English word *bully*, which means threaten, intimidate, oppress, maltreat. Although the term is somewhat new, this phenomenon is older than the school itself and not due to socioeconomic factors, since it settles in the various social spheres. It covers all acts of violence (physical or psychological) that occurs repeatedly and intentionally against one or more students who feel weak and unable to defend themselves. This study intended to understand the phenomenon that configures bullying in school violence. The bullying phenomenon has been causing perplexity as result of barbaric attitudes that directly hurt the victim and indirectly the society. The biggest challenge of this study is to confront us with ourselves, we question our principles and reflect on our daily practices in education. The study was conducted through a field survey

¹ Graduanda do curso de Pedagogia do UNIARAXÁ 2013.

² Professora orientadora e coordenadora do curso de Pedagogia do UNIARAXÁ.

in which the collection of data and information regarding the bullying was performed using a semi-structured questionnaire with teachers and students of the 6th year in a public school in Araxá - MG. From the data obtained, the study could demonstrate the occurrence of bullying among children in the school studied, revealing that the school context has been established in an area of reproduction of violence. This topic is extremely relevant in the school environment, and is urgent to adopt educational practices to face this problem, enhancing prevention as a means of promotion for the “good life”.

Keywords: Bullying, School, Family, Society.

1 - Bullying: uma visão global

Dizem que o fenômeno *bullying* é tão antigo como a própria escola. Mas o tema só passou a ser estudado pelos cientistas no início dos anos 70. O movimento começou na Suécia, onde a população demonstrava bastante preocupação com a violência na esfera escolar. Então foram iniciadas pesquisas em 1972 e 1973. A inquietação se alastrou pela Noruega e posteriormente por toda a Europa.

Um acontecimento dramático ao norte da Noruega, onde três crianças entre 10 e 14 anos cometeram suicídio, chocou o país. Foram feitas investigações sobre o caso e elas indicavam que o que teria motivado as crianças eram as diversas situações constrangedoras de maus-tratos que vinham sofrendo. Em decorrência deste fato e de uma grande mobilização nacional, o Ministério da Educação promoveu em 1983 uma campanha contra o *bullying* escolar. (Universidade Estadual de Maringá, 2012)

Segundo Silva (2010) e Chalita (2008), Dan Olweus, professor da Universidade de Berger na Noruega, foi um dos primeiros exploradores do tema em esfera escolar. Iniciou a sua pesquisa desenvolvendo um questionário com 25 questões, que seria preenchido pelos 84 mil estudantes, 400 professores e 1000 pais de alunos em diferentes níveis escolares. Também foram analisados os impactos das intervenções, já começadas em algumas escolas.

Olweus tinha como principal objetivo avaliar as formas em que o fenômeno *bullying* se apresentava e as taxas de ocorrência na vida dos estudantes. A pesquisa constatou que um em cada sete alunos era envolvido em casos de violência, tanto como vítima, tanto como agressor. Com esta revelação, originou-se uma campanha com o apoio do governo, resultando na queda de 50% dos casos.

Com o sucesso da pesquisa, Olweus desenvolveu um programa de intervenção *antibullying* tendo como objetivo a conscientização de pessoas e dar apoio e proteção às vítimas. Em 1989 ele reuniu os seus registros e os apresentou no livro *Bullying na escola: o que sabemos e o que podemos fazer*. O livro buscava discutir sobre o problema com sugestões para identificar os autores e estratégias de intervenção.

A partir da década de 90, pesquisas ao redor do mundo sobre o fenômeno eram intensas, desenvolvidas por instituições públicas e privadas. Na Grã-Bretanha, as pesquisas mostravam que 37% dos alunos de ensino fundamental e 10% do ensino médio sofriam agressões pelo menos uma vez por semana. Em Portugal

7 mil estudantes foram questionados, revelando que 22% entre 6 e 16 anos foram vítimas. Na Espanha de 15% a 20% dos estudantes estavam envolvidos nos casos de violência. A Europa, em decorrência desses resultados, aprovou legislações e ações integradas a países como Espanha, Itália, Alemanha e Grécia.

Nos Estados Unidos o *bullying* é classificado como conflito global, uma vez que cresce de forma alarmante, mostrando que entre crianças de 6 e 10 anos, 13% narram casos e 11% são vítimas.

As investigações na Europa causaram repercussão no Brasil, embora atrasadas, sendo que uma das primeiras foi registrada em 1997 no Rio Grande do Sul, pela professora da Universidade Federal de Santa Maria, Marta Canfield, utilizando o questionário padrão de Olweus.

Estudos semelhantes se estenderam por todo o Brasil. Em 2000 e 2001 dois professores de duas escolas municipais do Rio de Janeiro, Israel Figueira e Carlos Neto, aplicaram o questionário usado num projeto europeu como um diagnóstico do problema.

Com estas iniciativas foi possível iniciar um processo de localização da violência escolar no Brasil. De acordo com os dados, ainda rudimentares, estima-se que o fenômeno já atinja 45% dos estudantes de ensino fundamental. (Associação Brasileira de saúde coletiva, 2010)

O estudo desenvolvido em São José do Rio Preto por Cleo Fante em 2002 e 2003 mereceu destaque. Cerca de 2 mil alunos em 8 escolas das redes pública e privada foram questionados, revelando que 49% dos estudantes estavam envolvidos, sendo 22% de vítimas, 15% de agressores e 12% vítimas-agressoras.

Pela primeira vez no Brasil foi possível distinguir o perfil das vítimas, normalmente tímidas com alguma aparência física ou comportamental que fugia dos padrões estabelecidos pela sociedade e que não reagem às atitudes ofensivas a que são submetidos. Os perfis dos agressores também foram descritos, com tendência à liderança do grupo, sentindo prazer em exercer poder sobre os outros, sendo na grande maioria, meninos. As meninas se envolvem menos, mas atacam com fofocas e intrigas, uma forma de exclusão. (Universidade de Brasília, 2013)

Monteiro (2008) relata que em 2002 a Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência (Abrapia) implantou o Programa de Redução do Comportamento Agressivo. Foi realizada uma pesquisa no Rio de Janeiro por meio de questionários distribuídos a alunos de 5ª a 8ª série de 11 escolas, sendo que duas eram particulares. Os resultados foram significativos: Dos entrevistados, 40.5% estavam envolvidos diretamente em atos de *bullying*, 16.9% eram alvo de maus-tratos, 10.9% vítimas-autores e 12.7% autores da violência. Apontou ainda um predomínio do sexo masculino (50.5%) sobre o sexo feminino (49.5%) como participantes ativos de condutas agressivas. As agressões ocorrem na maior parte em sala de aula (60.2%), no recreio (16.1%) e no portão da escola (15.1%). 50% das vítimas admitem que não revelam os atos aos professores e nem aos pais. É preciso levar em consideração que tanto meninas quanto meninos se envolvem nos comportamentos de *bullying*, entretanto, as meninas, na maioria das vezes, atacam psicologicamente as vítimas e manipulam as outras colegas contra as vítimas.

A Abrapia foi uma ONG que atuou por 19 anos promovendo e defendendo os direitos das crianças e adolescentes. O fundador foi o pediatra Lauro Monteiro com a ideia de concretizar o seu sonho, que infelizmente não foi possível prosseguir por falta de apoio financeiro, o que resultou no fim da entidade. Com isso ele criou um site, Observatório da Infância e da Adolescência, com o intuito de divulgar os direitos das crianças e cobrar medidas neste sentido.

No Brasil, em 2007, foi apresentado um Projeto de Lei (nº350) do deputado estadual Paulo Alexandre Barbosa (PSDB-SP), no qual o Poder Executivo tem a autorização para instituir o Programa de Combate ao *Bullying*, agindo de forma interdisciplinar e com a participação de toda a comunidade em escolas públicas e privadas de São Paulo.

Em maio de 2012 foi aprovado o Projeto de Lei na Câmara Distrital do Distrito Federal, que busca minimizar a prática em escolas públicas e privadas. A lei estabelece que a vítima de *bullying* deve procurar a Secretaria de Educação para formalizar a denúncia, que vai ser investigada pela instituição. De acordo com o Censo do IBGE de 2010, o Distrito Federal é a primeira capital em números de casos de *bullying*, seguida de Belo Horizonte e Curitiba. (Universidade de Brasília, 2010)

São necessárias leis que tratem do problema, mas não são elas que irão fazer as mudanças, é a partir das atitudes das pessoas que haverá uma transformação de mentalidade diante da violência e através de ações de prevenção e intervenção nos âmbitos sociais.

2 - O que é *bullying*:

O *Bullying* está presente no mundo inteiro, mas é silenciado pelo medo e o pouco conhecimento pelo grande público. É a imagem da covardia e violência vinculada ao ambiente onde se adquire conhecimento, onde os jovens são preparados para o futuro, a escola.

Para mudar esta realidade devemos ampliar nossos conhecimentos e nos sensibilizar diante do que está à nossa frente, presente em nossas vidas, não aceitando qualquer tolerância à violência escolar.

Chalita (2008, p. 81) nos revela que o termo *bullying* ainda não foi traduzido para a língua portuguesa. Na França é *harcèlement quotidien*, na Itália *prepotenza* ou *bullismo*, no Japão *ijimi*, na Alemanha *aggressionen unter schülern* e em Portugal *maus-tratos entre pares*. Os pesquisadores se referem ao fenômeno como violência moral, adaptação do francês assédio moral.

A expressão *bullying* corresponde a atitudes violentas, seja física ou psicológica praticada por um *bully* (agressor) contra uma ou mais vítimas incapazes de se defender.

Termo de origem inglesa, verbo derivado do adjetivo *bully*, que significa valentão, tirano, a terminação é adotada pelos educadores para qualificar comportamentos desumanos como agressões, assédios e ações de desrespeito, empregados para aterrorizar, excluir, maltratar, perseguir os outros. Estas atitudes são realizadas de forma repetitiva e intencional pelos agressores, sem uma justificativa cabível.

vel e uma motivação específica. Ocorre quase que naturalmente usando dos mais frágeis para demonstrar o seu poder, alimentando dor e sofrimento às vítimas.

É um comportamento ofensivo, humilhante, que desmoraliza de maneira recorrente com ataques físicos e psicológicos. Um problema unânime admitido como natural, desvalorizado, em alguns casos, e na maioria das vezes ignorado.

Na escola, todos nós, algum dia, fomos vítimas, testemunhas ou autores, envolvidos de alguma maneira neste fenômeno. No entanto, esta rotina de atitudes desmoralizantes, considerada normal por muitos pais, alunos e até educadores, não é nada inocente.

O *bullying* geralmente envolve colegas da mesma sala de aula, configuradas de forma direta ou indireta. As atitudes mais frequentes identificadas nessa modalidade violenta são os xingamentos, tapas, empurrões, murros, chutes e apelidos ofensivos repetidos.

Este comportamento é sempre estabelecido dentro de um padrão, onde há uma relação desigual de poder, um desequilíbrio determinante na recorrência e manutenção dos atos agressivos de estudantes que dominam e humilham o outro que é mais frágil.

O *bullying* nos faz entrar em conflito com nós mesmos, nos fazendo refletir sobre nossos atos, despertando para a responsabilidade que nos pertence, pois muitas vezes somos culpados, pela ação ou pela omissão, e ainda pela passividade ou agressividade, como vítimas ou testemunhas desses atos violentos contra o ser humano. Considera-se que o *bullying* não pode ser tratado somente em âmbitos escolares, uma vez que jovens *bullies* se transformam em versões adultas, camuflados no meio social, como, por exemplo, no território profissional, no contexto familiar. Suas ações configuram-se na corrupção, uso inadequado do dinheiro público, imprudência, negligência, abuso de poder, etc.

O ser humano é especial, diferente uns dos outros, pois não existe ninguém igual, cada um com as suas habilidades e dificuldades. Cada um possui uma personalidade, traços que definem nossos anseios, interesses ações e reações, nosso modo nas relações interpessoais, afinal, somos seres sociais.

Silva (2010, p. 75) destaca que “o *bullying* se torna um comportamento inaceitável sob diversos aspectos: sociais, culturais, morais, éticos, científicos e evolucionistas.”

Os Envolvidos:

Uma vez que o *bullying* foi identificado, o próximo passo é identificar os personagens deste enredo, para que seja combatido e enfrentado por todos que lutam por uma mudança no rumo dessa história. Estes personagens serão distinguidos e classificados a seguir:

Silva (2010) os distingue da seguinte forma: as vítimas classificadas como as típicas, as provocadoras e as agressoras. As típicas apresentam pouca habilidade de socialização, são tímidas e não conseguem reagir às agressões sofridas. São frágeis fisicamente ou têm uma característica que se destaca entre a maioria dos alunos, como as gordinhas ou magras; altas ou baixas demais; usam óculos, são

deficientes físicos, apresentam sardas ou manchas na pele; orelhas ou nariz mais destacados; usam roupa fora de moda; são de raça, condição socioeconômica, ou orientação sexual diferentes. Qualquer característica que fuja do padrão imposto por um grupo pode deflagrar no processo de escolha da vítima de *bullying*. Os motivos são os mais variados e banais, sem uma justificativa plausível. Por apresentarem tais características e dificuldades nas relações interpessoais, se tornam alvos fáceis dos ofensores.

As provocadoras são aquelas que motivam em seus colegas reações agressivas contra si mesmas, mas não conseguem revidar o suficiente. Essas vítimas costumam discutir e brigar quando são agredidas. Crianças e adolescentes que agem dessa forma costumam ser hiperativos e impulsivos e/ou imaturos que criam um ambiente desagradável na escola, esta atitude chama a atenção de seus agressores, assim, quem acaba sendo julgado como agressor é a própria vítima.

Os agressores podem ser meninos ou meninas, são os mais populares, conhecidos como os valentões, intimidam e ameaçam suas vítimas. Têm um perfil de liderança capaz de manipular as pessoas ao seu redor, podem agir sozinhos ou em grupo. Sua personalidade é marcada pela maldade e desrespeito, desde muito cedo não aceitam ser contrariados e envolvem-se em delitos, roubos, vandalismo e destruição do patrimônio público.

Silva (2010) ainda destaca que os espectadores são a grande maioria dos estudantes, que assistem e aprendem a conviver com a violência sem ter como escapar. Os passivos não participam, mas também não acolhem a dor do outro e não defendem, nem denunciam, por temerem serem as próximas vítimas. Estes se sentem incomodados com o ambiente violento, mas não reagem para não serem atingidos. O medo os torna covardes, transformando-os em adultos egoístas; carregam consigo uma culpa que pode durar por toda a vida abalando as suas estruturas psicológicas. Os ativos manifestam apoio aos agressores com risadas e palavras de incentivo, não se envolvem diretamente, mas se divertem com a situação, estes podem ser os verdadeiros articuladores camuflados no meio do grupo, que gostam de ver o circo pegar fogo. Os neutros não ficam sensibilizados com a violência em função do seu meio cultural, onde estão acostumados a presenciar esta prática.

O fato é que a grande maioria das pessoas se omite frente aos ataques de *bullying*, configurando ações imorais e/ou criminosas. A omissão só faz aumentar a impunidade e contribuir para o crescimento da violência.

Identificando os personagens:

O processo de identificação de crianças e adolescentes que podem ser os alvos dessa violência é muito importante para que a escola tome iniciativas de intervenção e prevenção contra a prática de *bullying*.

Silva (2010) e Chalita (2008) destacam que os alunos que podem ser vítimas deixam explícitas algumas pistas como a dificuldade de fazer amigos; ficam sozinhos no recreio; chegam em casa chorando sem um motivo; têm medo de

ir à escola; o material escolar chega em casa destruído ou rasgado; seu dinheiro e pertences são roubados repetidamente; evitam atividades em grupo, esportes e passeios; recebem xingamentos e apelidos pejorativos dos colegas de sala; são humilhados, intimidados e ameaçados pelos colegas; apresentam machucados, roupas rasgadas constantemente sem uma explicação plausível; são excluídos das atividades; são os últimos na escolha de atletas no time de educação física; queda no rendimento escolar; parecem estar triste e desmotivados na escola; ficam inseguros e ansiosos antes de ir pra escola e em sala de aula; preferem a companhia dos adultos no recreio; dormem mal e têm pesadelos sobre o ambiente escolar; desinteressam-se pelos estudos; querem mudar de escola; apresentam queixas físicas antes de ir pra escola; escolhem caminhos diferentes como se estivessem fugindo ou evitando alguém.

Os agressores ou *bullies* começam com brincadeiras que evoluem para gozações; colocam apelidos pejorativos com propósito maldoso; fazem ameaças, intimidam menosprezam os alunos; pegam materiais escolares, dinheiro ou qualquer pertence sem o consentimento ou por coação; são agressivos no contexto familiar; não respeitam as regras; manipulam as pessoas; são arrogantes e se portam de maneira superior aos outros; aparecem em casa com objetos diferentes sem mencionar a sua origem; dentro de casa, muitos se comportam como se não estivesse acontecendo nada, além de mentirem e contestarem às afirmações negativas que os pais recebem.

Silva (2010) e Chalita (2008) também destacam que os agressores realmente podem ser identificados precocemente por meio de um histórico de más condutas como: mentem constantemente; são cruéis com os animais, irmãos e coqueleiras; desafiam os pais e os professores; são irresponsáveis; não sentem remorso ou culpa; participam de fraudes, roubos e furtos; usam precocemente as drogas; sexualidade precoce e exacerbada podendo até violentar crianças e adolescentes mais frágeis; se dizem inocentes das acusações; têm histórico de homicídio.

O espectador não tem um comportamento que se destaque dentre os outros alunos, a observação é mais cuidadosa e constante; na escola permanecem calados sobre o que sabem e presenciaram; os mais sensíveis e ansiosos chegam a relatar as histórias de *bullying*, mas quando indagados se referem a filmes e novelas, por exemplo.

Conhecendo bem estes personagens, torna-se possível elaborar estratégias pedagógicas e sociais procurando ajudar a recuperar estes jovens envolvidos em função das circunstâncias em que vivem. O compromisso da escola e da família, ou em qualquer ambiente onde há convivência com o outro, é agir com senso de justiça e de forma afetiva, não reproduzindo a intolerância. Tais comportamentos sugerem, na prática, a necessidade de uma ação pedagógica nos recreios, visando proporcionar qualidade às práticas exercidas durante os horários livres e jamais tolerar posturas de desrespeito contra o próximo.

Formas, conseqüências, variações:

Como foi falado o *bullying* pode se manifestar de maneira direta e indireta. Mas as vítimas não recebem apenas um tipo de maus-tratos, geralmente estes atos vêm em grupos. Isso contribui para a exclusão social da vítima, evasão escolar, dentre outros.

Atitudes maldosas como essas podem ser expressas de diversas formas orais, morais, físicas, materiais e sexuais, tais como insultar, falar mal, ofender, colocar apelidos pejorativos, fazer piadas ofensivas, irritar, humilhar, excluir, ignorar, ameaçar, aterrorizar, chantagear, intimidar, dominar, perseguir, fazer intrigas e fofocas (mais comum entre meninas), bater, ferir, roubar, furtar ou destruir os pertences da vítima, atirar objetos contra elas, insinuar, assediar, abusar, violentar.

Além de existir um desequilíbrio de poder entre agressor e vítima, esta última já apresenta uma baixa autoestima, o que agrava o problema preexistente, pode gerar graves transtornos comportamentais e/ou mentais, que trazem prejuízos irreversíveis a curto e/ou em longo prazo. Quando adultos também experimentam intensas aflições, uma vez que tiveram uma vida estudantil traumática.

Podemos ilustrar os problemas mais comuns, através do que diz Silva (2010, p. 28):

[...] Sintomas psicossomáticos

Os pacientes tendem a apresentar diversos sintomas físicos, entre os quais podemos destacar: cefaléia (dor de cabeça), cansaço crônico, insônia, dificuldades de concentração, náuseas (enjôo).

[...] Fobia escolar

Caracteriza-se pelo medo de frequentar a escola, ocasionando repetências por faltas, problemas de aprendizagem e/ou evasão escolar. Quem sofre de fobia escolar passa a apresentar diversos sintomas psicossomáticos e todas as reações do transtorno do pânico, dentro da própria escola; ou seja, a pessoa não consegue permanecer no ambiente onde as lembranças são traumatizantes. Muitas podem ser as causas da fobia escolar: problemas emocionais no ambiente doméstico; ansiedade de separação _quando a criança se vê separada dos pais e teme pelo novo ambiente que terá que enfrentar; problemas físicos e psíquicos e a prática de bullying.

[...] Fobia social

Quem apresenta fobia social, também conhecida por timidez patológica, sofre de ansiedade excessiva e persistente com temor exacerbado de se sentir o centro das atenções ou de estar sendo julgado e avaliado negativamente. Assim, com o decorrer do tempo, tal indivíduo passa a evitar qualquer evento social, ou procura esquivar-se deles, o que traz sérios prejuízos em suas vidas acadêmica, profissional, social e afetiva.

[...] Depressão

A depressão não é apenas uma sensação de tristeza, de fraqueza ou de “baixo astral”. É muito mais do que isso: trata-se de uma doença que afeta o humor, os pensamentos, a saúde e o comportamento. Os

sintomas mais característicos de um quadro depressivo são: tristeza persistente, ansiedade ou sensação de vazio; sentimentos de culpa, inutilidade e desamparo; insônia ou excesso de sono; perda ou aumento de apetite; fadiga e desânimo; irritabilidade e inquietação; dificuldade de concentração e de tomar decisões; sentimentos de desesperança e pessimismo; perda de interesses por atividades que anteriormente despertavam prazer; ideias ou tentativas de suicídio.

Estes problemas descritos podem ser genéticos, passados de pais para filhos, mas as fragilidades de cada um somadas às condições externas e situações humilhantes podem deflagrar transtornos graves que estavam adormecidos.

Os agressores também sofrem as consequências, apresentando mais chances de usar bebidas alcoólicas e drogas em excesso, maior envolvimento com o crime, problemas com a justiça e atitudes delinquentes no meio social. Este padrão agressivo demonstrado na vida escolar tende a se repetir na faculdade, no trabalho e na vida adulta em geral, em decorrência disso os filhos também podem desenvolver os maus comportamentos dos pais.

Tais exemplos reforçam a ideia de que o *bullying* está presente no nosso cotidiano e o sofrimento pode resultar em consequências fatais.

Como uma forma de distinguir melhor as agressões nestes contextos, foram criadas denominações específicas para estes comportamentos em alguns segmentos, dentre elas: *Cyberbullying*:

Com a facilidade da comunicação pela internet, surgiu um novo conceito para o *bullying*. Este é um fato preocupante, pois cresce como uma epidemia pelo mundo virtual. Estes atos se tornam ainda mais perversos por permitir o anonimato e por ser uma ferramenta influente para aterrorizar outros alunos. Os agressores se escondem através de identidades falsas, o que acaba facilitando atingir as vítimas repetidas vezes. Fofocas, intrigas, difamações, fotos, textos e vídeos são divulgados em questão de segundos, atingindo um elevado número de pessoas. Desta forma, o *cyberbullying* maltrata, agride e expõe suas vítimas em qualquer lugar.

***Mobbing* ou assédio moral:**

São grupos que abusam de seu poder para ameaçar ou pressionar funcionários no ambiente de trabalho. Este fenômeno existe desde as primeiras relações interpessoais no trabalho. Podemos citar como exemplo, a escravidão, que foi um dos momentos históricos onde a crueldade se fez presente. Este é um dos assuntos mais discutidos nos dias atuais.

Silva (2010, p. 147) destaca que “[...] todas essas atitudes visam, de forma intencional, desqualificar e desrespeitar as reais capacidades do trabalhador”.

***Bullying* Homofóbico:**

Segundo Silva (2010), pessoas que demonstram possuir determinadas orientações sexuais, como os homossexuais, sofrem ainda mais com a exclusão social. Isto ocorre pelo fato de que a sexualidade ainda é um tabu para a sociedade.

Trotes Universitários:

Silva (2010, p.149) ainda destaca que “o trote deveria constituir um rito de passagem, visando celebrar o início da trajetória universitária [...]. Fiz questão de escrever *deveria*, pois, infelizmente, em nossos dias, os trotes têm se revelado, em diversas instituições do país, como práticas causadoras de graves constrangimentos e como atos violentos e repugnantes”.

3 - Discutindo o bullying nos âmbitos educacionais e familiares

É no cenário escolar que a criança estabelece grande parte das relações com o outro, onde ela desenvolve as emoções, ideias, crenças, valores individuais. Onde ela é convidada a conviver com a diversidade, as diferenças.

A escola é o lugar onde se privilegiam o conhecimento, a experiência, onde o aluno estabelece relações entre os conteúdos e as vivências cotidianas. Um lugar onde histórias são construídas em um processo sociocultural, histórias que se tornam significativas à medida que as relações interpessoais são vivenciadas. É este espaço que oferece portas de entrada para o conhecimento, a diversidade e a construção do saber.

Por essa razão para Noletto (2003, *apud* MIRANDA, 2011, p. 15), “o ensino dos laços que unem as pessoas torna-se peça fundamental para a construção de uma nova solidariedade, para a qual é imprescindível que as pessoas [...] se preparem para o diálogo das diversidades [...]”.

A escola é um dos ambientes onde se torna mais comum as práticas de *bullying* uma vez que muitas crianças se encontram em um mesmo espaço, o que gera certa dificuldade para que os adultos possam monitorar todos os comportamentos e intervir antes que haja violência.

Em um ambiente tão heterogêneo, se faz necessário uma boa convivência, respeitando as diferenças de cada um, sejam elas físicas ou sociais. Mas, infelizmente, a escola ainda não está preparada para lidar com a diversidade, isto devido à falta de qualificação dos profissionais somada ao preconceito ainda existente, mesmo sendo omitido, porém, é dever de todas as instituições de ensino educar para a promoção da paz e do respeito mútuo.

Percebemos, então, que é um assunto tão amplo esse conceito de combater a violência dentro da escola, que se faz necessária mudar uma sociedade inteira, porque os agressores, praticantes do *bullying*, um dia crescem e se tornam adultos delinquentes, cometendo violência nas diversas esferas da sociedade. Isto gera um grande atraso na evolução, pois um problema que deveria ser combatido na infância é combatido na fase adulta por leis severas, e, ainda, estas pessoas vão ter filhos, que conseqüentemente serão testemunhas da violência e repetirão os mesmos atos dos pais, levando-se em consideração que a criança se espelha no adulto.

Há crianças que têm a capacidade de resiliência, ou seja, “o que não me mata me fortalece”, e voltam ao estado normal depois de ter sofrido agressão adquirindo habilidades que lhes permitem lidar com os problemas mantendo o

equilíbrio. O dever da escola é descobrir e estimular o talento que elas têm, pois às vezes elas não são boas em uma coisa, mas em outras são brilhantes. Já se percebeu que as crianças que sofrem *bullying*, têm uma capacidade muito grande de resistência se elas forem socorridas, acolhidas e estimuladas a tempo, o que pode transformá-las em pessoas com histórias de sucesso.

Podemos esclarecer a resiliência ou reações transcendentais, através do seguinte trecho:

[...] vemos que muitas vítimas do bullying são capazes de transformar dor, mágoas e sofrimentos em superação e transcendência: são os excluídos resilientes. Muitos deles farão histórias em sua comunidade, em seu país e até na sociedade como um todo.

Não existe sucesso ou qualquer outra realização material ou profissional que apague o sofrimento vivenciado por uma criança ou um adolescente afetado pela violência do bullying. Todos carregam consigo a cicatriz dessa triste experiência, e a marca tende a ser mais intensa quanto mais cedo ela ocorre (infância) e por quanto mais tempo ela persiste (SILVA, 2010, p. 82).

Uma das atitudes principais que a família, que está mais perto da criança, ou os professores devem tomar é atentar-se que o fenômeno existe e identificá-lo, pois conforme nos diz a LDB (Art.2º- Lei nº9. 394 de 1996), “a educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

A compreensão sobre a responsabilidade de todos a favor da efetivação dos direitos básicos da criança e do adolescente é de responsabilidade da família e da escola, mas ela ultrapassa estes espaços e se espalha para a sociedade, assim cada cidadão tem participação na efetivação destes direitos. Sendo assim, a escola deve trabalhar com medidas preventivas, para que atos de violência não sejam concretizados e que não haja a transgressão destes direitos.

Escola e a sociedade precisam caminhar juntas, mas de forma que a escola não tenha que dar aquilo que a criança deve ter em casa, que é o apoio e o carinho da família.

Além disso, os alunos também se beneficiam de um senso de comunidade criado pela relação entre seus pais e o professor. Esse envolvimento ajuda a juntar aspectos significativos da vida dos alunos, dando-lhes um momento para pensar a respeito do valor dos cuidados que recebem de seus pais, o que transforma o momento educacional em um esforço em família, no qual todos estão interessados e envolvidos no aprendizado. Com isso, os alunos alcançam um desenvolvimento de vínculos que lhes permitem enxergar os outros como pessoas, apesar das barreiras étnicas ou de classe social, uma prática que também reduz a insensibilidade cultural (LIMA, 2013, p.67).

É normal que as crianças impliquem, coloquem apelidos, briguem e façam intrigas de vez em quando, por isso, nem sempre é fácil identificar o problema. Lembramos que é considerado *bullying*, a agressão intencional, com ocorrência de no mínimo três vezes e quando há um desequilíbrio de poder. Sendo assim, é fundamental prestar atenção para perceber quando brincadeiras sadias, ocorridas naturalmente, se transformam em atos de violência.

Um olhar observador dos professores e dos demais funcionários contribuirá para a percepção dos sinais de violência. Quando identificados, é preciso procurar acolher as vítimas e fazer com que os espectadores ajudem a reconhecer os agressores, fazendo com que estes se neutralizem.

Projetos e palestras contra a violência não serão suficientes quando os próprios professores reproduzem a violência batendo de frente com os alunos no cotidiano em sala de aula. O processo de ensino/aprendizagem precisa criar relações sólidas entre as pessoas, mas é um processo que leva tempo, o professor não conseguirá a confiança do aluno impondo sua autoridade através da força.

É importante ressaltar também, que é grande o número de professores envolvidos nos atos de violência e na maioria das vezes as vítimas são as mulheres. “Muitos são perseguidos, humilhados, assediados sexualmente; moralmente ameaçados, não com agressões físicas, mas com avisos pavorosos em relação a seus pertences. Para os alunos são apenas brincadeiras inofensivas que não prejudicam ninguém” (LEANDRO, 2013, p.58).

Atitudes assim acabam causando um grande constrangimento aos profissionais acarretando autoestima baixa e ainda prejudicando o desempenho de suas funções cotidianas. Com o passar do tempo aparecerão sinais evidentes de stress, podendo atrapalhar as relações com os alunos, os colegas de trabalho e a família.

Ressaltamos ainda, que alguns professores, além de serem vítimas, poderão, ao mesmo tempo ser os agressores, uma vez que, em meio a atos de violência entre os alunos, não encontram equilíbrio emocional para oferecer uma resposta efetiva à situação e acabam reagindo com agressividade. Esta postura é uma forma de impor a sua autoridade na tentativa de obter controle e poder diante dos alunos.

Os atos de *bullying* crescem nas instituições de ensino e a situação se agrava ainda mais devido à incidência de manifestações em todos os níveis da vida estudantil, tornando um grande desafio para pais e professores, pois essas práticas causam dificuldades de aprendizagem e traumas que podem perdurar por toda a vida.

A prevenção começa com a informação, a busca pelo conhecimento, pois ainda existem muitos professores que não sabem distinguir o *bullying* de outras manifestações de violência, devido à falta de preparo para identificar e desenvolver projetos de prevenção e intervenção no ambiente escolar.

As escolas podem encontrar recursos para intervir nos casos de *bullying*, e sobre isto destacamos Oliveira (2010), que afirma que as mesmas não se sentem preparadas por falta de recursos humanos e disponibilidade mental para se dedicarem a esses assuntos, por falta de conhecimento das características do fenômeno e como ele se manifesta.

A conversa é uma grande arma no processo de intervenção do *bullying*, portanto, o tema deve ser levado à discussão com toda a comunidade escolar, com o objetivo de traçar estratégias eficazes e capazes de fazer frente ao movimento.

O diálogo faz com que os alunos agressivos reflitam sobre seus atos e as consequências que podem ser geradas nos agredidos. Podemos motivá-los também a imaginar como seria a escola ideal, como deveriam ser as relações, como seria uma escola onde predomina o respeito mútuo e a segurança.

Dentro de uma sala de aula, é quase impossível manter um ambiente sem conflitos, mas quando o professor trabalha diariamente o respeito na sua prática cotidiana, mostrando as diferenças entre as pessoas e as diversas culturas e suas manifestações, contribui para um convívio mais justo e humano.

Desta forma, percebe-se que é primordial sensibilizar e envolver toda a comunidade escolar na luta pela redução do comportamento *bullying*. Atitudes simples da direção escolar podem ser eficazes para a prevenção do fenômeno. Muitas escolas do Brasil vêm adotando estratégias simples como nos primeiros dias de aula esclarecer para os alunos que não permitirão o uso de apelidos, sendo assim, todos deverão ser chamados pelo primeiro nome, o que impedirá que uma simples brincadeira acabe se transformando em um enorme sofrimento para a vítima ou se torne algo mais grave levando a casos extremos como até mesmo o suicídio.

Por mais assustador que seja, o suicídio pode acontecer se não houver a intervenção contra os casos de *bullying*, pois a cada dia a pessoa agredida vai modificando seu comportamento a ponto de não querer mais viver. Sabemos também que alguns não se conformam com tamanha crueldade o que desperta nelas o desejo de vingança, como a tragédia ocorrida em Realengo no Rio de Janeiro. Fatos como este nos levam a refletir sobre o que se passava na cabeça daquele jovem, o seu sofrimento, e o que ele teria vivenciado na sua infância levando-o a cometer este crime. Portanto, não devemos considerar o *bullying* como uma característica normal no desenvolvimento de uma criança, mas um risco e com altos índices para atos violentos.

Muitas vezes a banalização é um grande problema nas instituições de ensino, pois muitas consideram certas manifestações de violência, como algo comum em que o medo e a insegurança, por serem tão presentes no cotidiano, acabam se tornando uma realidade, não só ali, mas em qualquer outro lugar.

Glassner (apud BARROS; FREITAS, 2011), declara que a cultura do medo não está necessariamente atrelada à alta ou baixa incidência criminal, ela se alicerça na incapacidade de distinção entre a “violência real” e a “insegurança” produzida pelo medo, que recebe forte influência da ressonância e espetacularização do campo midiático.

Especialmente no ano de 2011, o *bullying* “estava na moda”, ou seja, o tema estava entre os mais comentados nos meios de comunicação. Psicólogos nos alertam que nem tudo pode ser considerado, visto que a imprensa tem uma tendência a justificar comportamentos extremos e dizer que é *bullying* porque é um assunto que dá ibope e chama a atenção das pessoas. Isto nos mostra que não

devemos acreditar em tudo que a mídia diz, pois muitas vezes, por trás das notícias, estão interesses ideológicos e políticos das emissoras.

Não se pode acreditar que os dramas só acontecem com os outros, todos nós somos atores neste cenário, em que notícias incômodas nos deixam vulneráveis e expostos e “para enfrentar essas questões existenciais que passam pela transmissão de informações, mas não se resumem a isso, o professor precisa de um arsenal mais completo” (ARATANGY, 2010, p. 112), que requer a busca pela informação e formação continuadas.

Não haverá mudanças em um passe de mágica em que a sala de aula se transforma imediatamente em um ambiente sem *bullying*, é preciso que professores e alunos mantenham o diálogo entre si enfatizando o comportamento humano que é desejável e necessário. Esta não é uma tarefa fácil, mas se houver a colaboração de toda a comunidade escolar, as dificuldades podem ser vencidas, transformando a escola em um ambiente saudável e seguro, onde todos os envolvidos possam desenvolver suas habilidades plenamente, aprendendo valores fundamentais para a vida em sociedade e o exercício da cidadania com responsabilidade e consciência do que faz.

4 - PANORAMA DA PESQUISA

Realizamos uma pesquisa com o objetivo verificar possíveis ocorrências de *bullying* e a postura dos professores em uma escola da rede pública estadual de ensino em Araxá-MG. A escola é localizada em um bairro mais afastado do centro da cidade.

Trata-se de uma pesquisa de campo em que se procedeu a coleta de dados e informações referentes ao *bullying*, com a aplicação de um questionário de caráter quantitativo semiestruturado com professores e alunos.

O questionário foi aplicado a alunos do 6º ano (Tempo Integral) do ensino fundamental e professores do ensino fundamental e médio.

Quanto aos alunos, foi solicitado que assinalassem as alternativas correspondentes aos fatos que poderiam ter ocorrido com eles. De acordo com as respostas, foi possível observar se a escola apresenta casos de *bullying*.

Em relação aos professores, foi solicitado que assinalassem as alternativas correspondentes às suas percepções a respeito do *bullying*.

Os dados obtidos proporcionaram a identificação destas diferentes percepções sobre o fenômeno e levou-nos a refletir sobre as nossas fragilidades e comportamentos frente ao fenômeno *bullying*, pois nota-se que nem todos conseguem expressar o que sentem e pensam, chegando até a entrar em contradição nas suas respostas, além de marcarem mais de uma opção e/ou não marcarem algumas outras. Portanto, os resultados podem apresentar dados discrepantes.

A seguir apresentamos os resultados da pesquisa em forma de gráficos, de modo a ficar mais claro o entendimento e a análise dos mesmos.

Análise dos dados obtidos dos alunos



Gráfico 1: Este gráfico nos mostra que todos os alunos afirmaram conhecer o fenômeno *bullying*. Acreditamos que, como nos últimos anos o assunto foi destacado nos meios de comunicação, os alunos tenham se informado, resta saber se realmente compreenderam o que ele representa.



Gráfico 2: O gráfico aponta que 68,18% dos alunos sofreram agressões na escola, e 31,82% afirmaram que não. Os dados indicam um alto índice de *bullying* presente na escola pesquisada. Vale lembrar que muitos se sentem ameaçados por seus agressores e não têm coragem para confirmar que foram agredidos.



Gráfico 3: O *bullying* faz com que as vítimas tenham medo do que possa acontecer com eles ou suas famílias caso revelem a verdade. Sabemos que é impossível que em uma escola não ocorra casos de *bullying*, ainda assim, como mostrado acima, 31,82% dos alunos afirmam que nunca sofreram *bullying*; 27,27% informam que sofreram *bullying* há mais de um ano; 18,18% sofreram agressão no último ano e outros 18,18% sofreram nas primeiras semanas de aula; 4,55% naquele mesmo dia foram agredidos, retratando o que passam vários alunos nesta escola.

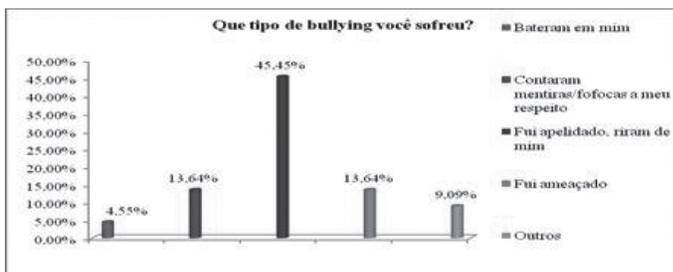


Gráfico 4: Os dados mostram que as agressões verbais são as mais comuns, sendo que 45,45% receberam apelidos; 13,64% foram vítimas por mentiras/fofocas e outros 13,64% foram ameaçados; 4,55 foram agredidos fisicamente e 9,09% sofreram outros tipos de agressão como insultos e ofensas. Nesta questão, alguns alunos não responderam e, ainda, outros marcaram mais de uma opção.

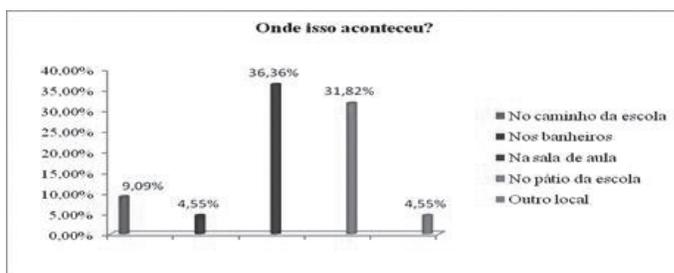


Gráfico 5: O bullying ocorre em vários lugares, mas fica evidente que na maioria das vezes, o mesmo ocorre dentro da sala de aula e no pátio da escola. Nesta questão também, alguns não responderam e outros marcaram mais de uma opção.

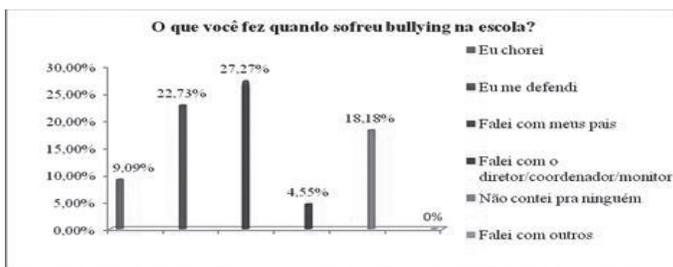


Gráfico 6: Os alunos informam que na maioria das vezes falam com os pais sobre o ocorrido. Resta saber a reação destes, será que acolhem os filhos e transmitem confiança para entrar em contato com a escola, ou a procuram imediatamente sem se preocupar com o sofrimento dos filhos? Alguns marcaram mais de uma opção informando que também se defendem e muitos já não contam pra ninguém. Os dados são preocupantes, estes podem ser vítimas-agressores ou ainda vítimas que se sentem incapazes de se defender das agressões; Poucos têm coragem para procurar a direção da escola; Outros não responderam a questão.

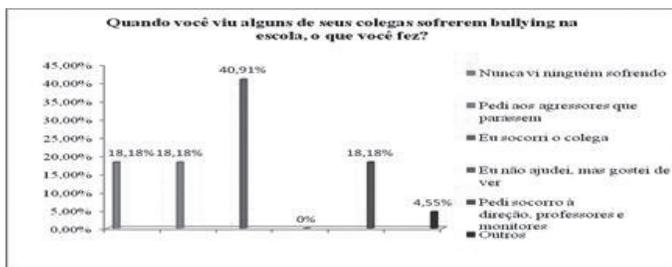


Gráfico 7: A maioria dos alunos informou que socorreram o colega; Alguns nunca viram ninguém sofrendo *bullying*, pediram que parassem ou pediram socorro; Outros informaram que ficaram olhando. Isto nos revela o alto índice de omissão e covardia existentes no ambiente pesquisado.

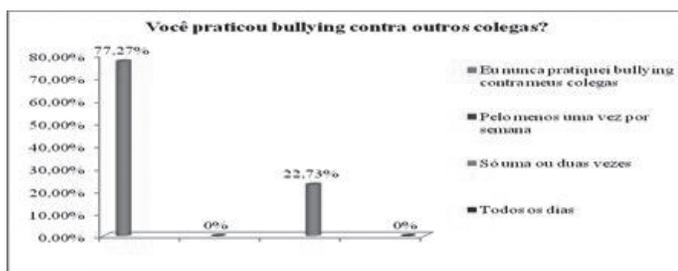


Gráfico 8: Este gráfico nos revela que a maioria dos alunos afirma que nunca praticaram o *bullying* contra os colegas e 27,73% admitem o fato uma ou duas vezes.

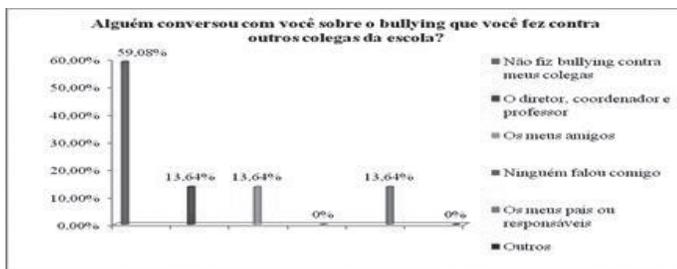


Gráfico 9: Neste gráfico 59,08% dos alunos afirmam que não praticaram o bullying; 13,64% informam que a equipe da escola conversou com eles; 13,64% informam que os amigos conversaram com eles e outros 13,64% , os pais conversaram com eles.

Na presente pesquisa, o número de meninas participantes foi maior que o de meninos. Podemos observar que os dados obtidos evidenciam a presença de comportamentos violentos na escola pesquisada. Portanto, é essencial que estes alunos sejam conscientizados, pois muitos acreditam que sabem o que é o *bullying*, mas diante de uma agressão, não reagem por acharem que é normal ou por medo de serem as próximas vítimas.

4.2 Análise dos dados obtidos dos professores

Abaixo seguem os dados coletados em forma de gráficos referente à postura dos profissionais integrantes da pesquisa:



Gráfico 10: De acordo com o gráfico, todos os professores informaram que já ouviram falar ou leram sobre o *bullying*.

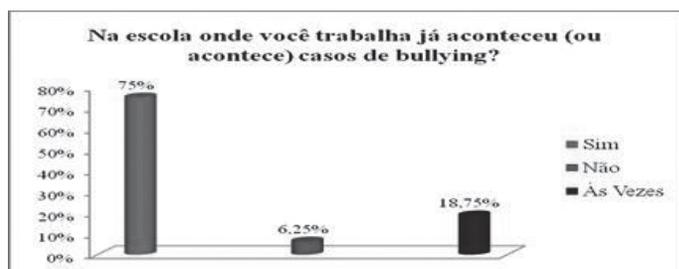


Gráfico 11: Podemos observar que 75% dos professores afirmam que na escola onde trabalham existem casos de bullying; 6,25% acreditam que não e 18,75% informam que acontece às vezes. É evidente que alguns profissionais não estão bem informados em relação ao *bullying*, pois ele acontece nesta escola pesquisada, então é preciso uma observação mais cuidadosa no cotidiano escolar.



Gráfico 12: Observamos que 62,5% dos professores afirmam que às vezes são capazes de deter situações de *bullying* entre os alunos e 37,5% afirmam que são capazes. Muitas

vezes, dentro de uma sala de aula, a violência toma uma proporção em que o professor não consegue mais deter, correndo o risco de ele mesmo ser agredido, então a única alternativa é acionar a polícia. Mas se houver uma qualificação especializada, o professor conseguirá reverter a situação impedindo que a violência tome essas proporções.



Gráfico 13: Os professores, em sua maioria, relatam que sim, as atitudes do professor influenciam nas ocorrências de *bullying* em sala de aula; 31,25% acham que não e 25% às vezes. Os conflitos acontecem naturalmente nas relações humanas, mas quando eles se tornam frequentes, podem acarretar inúmeras consequências. A criança que testemunha atos violentos, tende a repeti-los, pois ela é o espelho do adulto. Então, o professor deve evitar ao máximo que os conflitos ocorram no ambiente escolar.



Gráfico 14: Os conflitos, quando em pequenas proporções, podem ser resolvidos dentro da sala de aula pelo professor através da conversa, assim, 50% dos professores relatam que realizam intervenções diante do bullying; 25% às vezes e outros 25% não. Os resultados apontam para a questão de que os professores não estão preparados para enfrentar o problema.

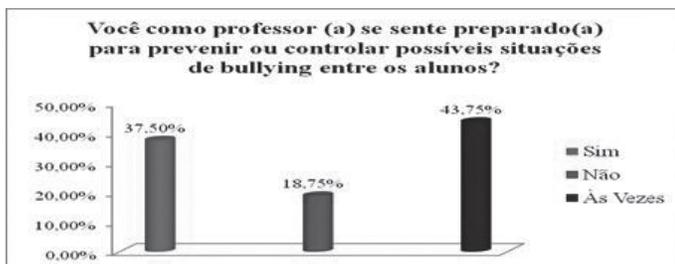


Gráfico 15: Alguns professores admitem que não estão preparados para a prevenção e intervenção do bullying (18,75%); 37,50% afirmam que sim e 43,75% às vezes. Podemos

perceber a necessidade de uma formação continuada dos professores objetivando buscar estratégias para enfrentar tais situações.

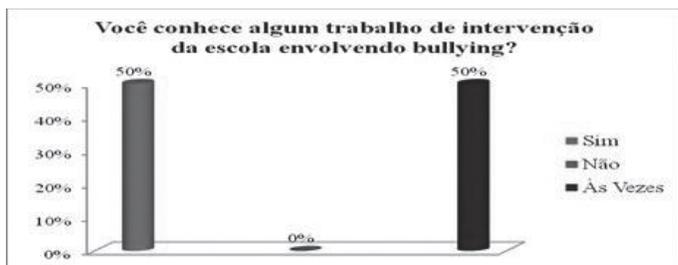


Gráfico 16: Observamos que a escola desenvolve projetos para a intervenção do *bullying*, mas este trabalho deve ser contínuo, com a participação de toda a comunidade escolar.

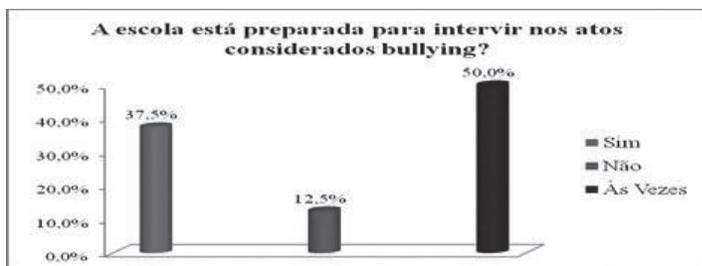


Gráfico 17: Notamos que a escola tem se esforçado para entender o fenômeno *bullying*, 37,5% afirmam que sim; 12,5% acham que não e 50% acham que somente às vezes a escola está preparada para a intervenção. Ao longo do tempo, passam diversos profissionais dentro das escolas, cada um com uma concepção diferente sobre o fenômeno, sendo assim, algumas dão mais ênfase ao assunto. Este pode ser um fato que justifique tais resultados.



Gráfico 18: Observamos que os professores acham muito importante as palestras, atividades sociais, campanhas educativas e a formação continuada, tanto que a maioria marcou todas as opções.

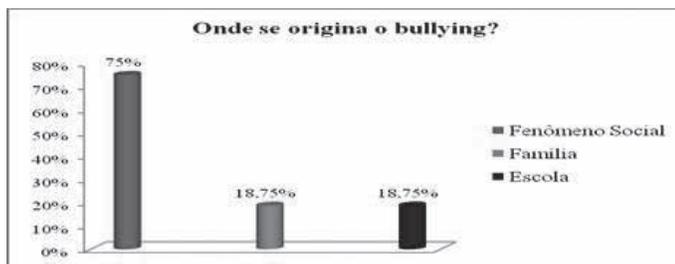


Gráfico 19: Percebe-se os professores acreditam que o *bullying* se origina no fenômeno social, dentre eles, 75%; 18,75% acreditam que seja na família e 18,75% na escola. Eles não estão errados, visto que o *bullying* decorre da violência social atingindo os âmbitos escolares.

Considerações finais

Este estudo proporcionou um maior entendimento sobre o fenômeno *bullying*, conhecendo suas diversas formas, consequências e variações bem como uma discussão em âmbitos educacionais.

Através da pesquisa realizada, evidenciamos a ocorrência de *bullying* entre crianças na escola, revelando que o contexto escolar tem se constituído em um espaço de reprodução da violência. As vítimas se sentem desprotegidas e não encontram coragem para enfrentar seus agressores, algumas chegam a relatar a alguém que esteja mais próximo, mas não são tomadas as devidas providências, assim, a violência tende a se propagar tomando proporções alarmantes. Com isso, o sofrimento das vítimas é cada vez maior causando consequências psicológicas a curto e longo prazo.

O medo é um grande vilão na vida das pessoas, causa impotência, fragilidade incapacidade, baixa autoestima, etc. Fatores como estes, somados às situações humilhantes e constrangedoras a que a vítima é submetida, muitas vezes impedem que ela revele o que está acontecendo para alguém que demonstre confiança.

Os espectadores também preferem ficar quietos, pois temem serem as próximas vítimas, então, antes os outros do que eles.

Percebemos que as agressões verbais são as mais frequentes, sendo que as físicas acontecem em maior número entre os meninos. As discussões, por serem tão comuns nas relações humanas, acontecem o tempo todo dentro da sala de aula e o professor deve estar atento à com que frequência elas ocorrem e quais são os envolvidos. Assim, ele detectará o problema e poderá tomar atitudes para a intervenção necessária.

A maioria dos agressores não admite seus atos, pois acreditam que são brincadeiras divertidas. Mas a brincadeira não é saudável quando um grupo se diverte à custa de uma pessoa que sofre.

Constatamos ainda, que os profissionais da educação ainda não se sentem preparados para tomar iniciativas de prevenção e intervenção ao fenômeno. Alegam conhecer o *bullying*, mas não conseguem intervir, muitas vezes por falta de apoio da escola e da família, principalmente.

A escola tem um leque de possibilidades para explorar e identificar quais estratégias seriam necessárias para a prevenção e intervenção do *bullying*, diante da realidade em que vivem e convivem os principais atores deste cenário, dentre eles, a formação continuada, projetos educativos, palestras, entre outros. O que não se pode, é deixar que o *bullying* seja considerado algo banal, convivendo com a tolerância da escola em relação a esta violência.

Esperamos que este estudo tenha contribuído para a reflexão e conscientização sobre o tema, sendo útil para futuros projetos e fonte de hipóteses para possíveis estudos.

Referências

ARATANGY, Lidia Rosenberg. **Novos desafios da convivência**: Desatando nós da trama familiar. São Paulo: Rideel, 2010.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE SAÚDE COLETIVA. **Bullying nas escolas brasileiras**: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), 2009. Ed. Rio de Janeiro, 2010, vol. 15. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232010000800011&lang=pt>. Acesso em: 20 de janeiro de 2013.

BARROS, Lúcio Alves de; FREITAS, Débora L. Chagas de. **Educação, escola e paradoxos no campo da violência**. 2011. Disponível em: <<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao/0311.html>>. Acesso em: 24 de novembro de 2012.

BRASIL. **LDB**: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. – 5. ed. – Brasília : Câmara dos Deputados, Coordenação Edições Câmara, 2010. Disponível em: <http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/2762/ldb_5ed.pdf>. Acesso em: 10 de novembro de 2012.

CHALITA, Gabriel. **Pedagogia da Amizade**: Bullying: o sofrimento das vítimas e dos agressores. São Paulo: Gente, 2008. 281 p.

ESCOLA NACIONAL DE SAÚDE PÚBLICA. Fundação Oswaldo Cruz. **Relação entre violência física, consumo de álcool e outras drogas e bullying entre adolescentes escolares brasileiros**. Ed. 9. Rio de Janeiro, 2012, vol. 28. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2012000900011&lang=pt>. Acesso em: 20 de Janeiro de 2013.

FANTE, Cleo. **Bullying: mania nacional**. Disponível em: <<http://www.bullying.pro.br>>. Acesso em: 19 de maio de 2012.

LEANDRO, Vera Lucia Damacena. **Bullying no ambiente escolar**. Crixás, 2013. Disponível em: <<http://www.pedagogiaaopedaletra.com.br/posts/bullying-no-ambiente-escolar/>>. Acesso em: 10 de abril de 2013.

LIMA, Joice Santos. **Bullying na escola**: Diga Não. Aracaju, 2013. Disponível em: <<http://www.pedagogiaaopedaletra.com.br/posts/bullying-na-escola-diga-nao/>>. Acesso em: 20 de abril de 2013.

MONTEIRO, Lauro. **Bullying: um breve histórico**. Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <<http://www.observatoriodainfancia.com.br>>. Acesso em: 19 de maio de 2012.

OLIVEIRA, Sara R. **Bullying: fenômeno camuflado**. 2010. Disponível em: <<http://www.educare.pt/educare/Detail.aspx?contentid=7803CC2BD66BDB46E0400A0AB8002557&opsel=1&schema=1CD970AB0836334EB627B1FF128684C3&channelid=1EE474ED3B3E054C8DCFD48A24FF0E1B>>. Acesso em: 03 de novembro de 2011.

SILVA, Ana Beatriz B. **Bullying: mentes perigosas nas escolas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010, p.187.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. **Prevalência e características de vítimas e agressores de bullying**. Ed. 2. Porto Alegre, 2013, vol. 89. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0021-75572013000200010&lang=pt>. Acesso em: 20 de Maio de 2013.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ. Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional. **Bullying: Prevalência, implicações e diferenças entre os gêneros**. Ed.1. Maringá, 2012, volume 16. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572012000100004&lang=pt>. Acesso em: 20 de Janeiro de 2013.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. Psicologia: Teoria e Pesquisa. **Efeitos tardios do bullying e transtorno de estresse pós-traumático: Uma revisão crítica**. Ed. 1. Brasília, 2013, vol. 29. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722013000100011&lang=pt>. Acesso em: 13 de abril de 2013.

1 – Patrícia Tatiane de Oliveira:

2 – Ivana Guimarães Lodi: <http://lattes.cnpq.br/2928733474883886>